

MANIFESTO

2027: A Impossibilidade de Alternância Perante a Absoluta Captura das Instituições e a Rede de Cumplicidade

PERANTE a total captura do Estado, que implica absoluto controlo das instituições de gestão e administração do processo eleitoral, a alternância em 2027 é inviável.

REAFIRMANDO que nesta captura participam os Serviços Secretos e a Casa Militar da Presidência da República.

DENUNCIANDO que qualquer contencioso eleitoral terá o mesmo desfecho dos processos anteriores no Tribunal Constitucional, uma vez que esta instituição, integrada na engrenagem da ditadura, confirmará o resultado forjado na Presidência da República.

TOMANDO em consideração as acções activas do Ocidente e da Euroásia para manter o regime no poder, por este constituir uma garantia perfeita da elite do atraso para a apropriação dos recursos do povo angolano e para a perpetuação da desordem do capitalismo.

UMA VEZ que os direitos humanos e a democracia vão perdendo relevância internacional, não há nenhum incentivo ético global para que a comunidade internacional possa exigir ao regime a realização de eleições livres, justas e transparentes.

TENDO em conta a legislação eleitoral em desacordo com os padrões internacionais, e que inviabiliza qualquer possibilidade de transparência mínima, neste contexto, falar de alternância é uma clara manifestação de erro analítico, desonestidade e agendas cúmplices do regime ditatorial.

REAFIRMAMOS que aqueles que em discurso público, sustentam a ideia de alternância expressam um sintoma de impotência que caminha lado a lado com a desonestidade e falta de coragem moral — nem ambição ética — para admitir a verdade perante o povo. O único que sofre de facto!

UMA VEZ que o regime, parte poderosa da comunidade internacional e parte da "oposição" conspiram contra o povo angolano, cabe às vítimas tomarem consciência de que estão abandonadas no mundo. Por isso, cabe a este povo terminar o sofrimento através de uma revolução popular.

PERANTE as evidências irrefutáveis, estamos CONVENCIDOS que a "oposição" — esta que não se opõe a nada — defende exclusivamente o seu sustento material

por meio das instituições. Ela sabe da sua incapacidade crónica e limites, logo, é impossível a alternância.

RECONHECENDO a impreparação técnica da "oposição", sua incapacidade de planeamento estratégico a médio e longo prazo para travar uma simulação eleitoral, qualquer pronunciamento que produz sobre alternância é uma clara falta de compromisso com a verdade e a ética política.

UMA VEZ que a "oposição" é sustentada financeiramente pelo partido do regime por via da captura completa do Estado, é evidente que a oposição jamais se libertará do partido hegemónico que a alimenta a todos os níveis.

CONSTATAMOS que uma sociedade civil burocratizada e proporcional ao atraso do país não será capaz de inviabilizar o curso da história cíclica traçada pelo regime. A sociedade civil está enfraquecida, por inúmeros factores, por isso remediada e cheia de mazelas. Contudo, assumimos que somos parte sem reserva.

CONSIDERANDO a ambiguidade estratégica das Igrejas Cristãs durante décadas de tirania, nomeadamente em momentos cruciais em que «parte da hierarquia» serve o opressor, negando absolutamente a tradição profética veterotestamentária, assim como a teologia da libertação e suas variadas manifestações progressistas, entendemos que não se pode contar com as Igrejas Cristãs para pôr fim ao cativeiro.

REJEITANDO o fatalismo, temos consciência que os processos humanos carregam certo grau de imprevisibilidade. Só neste quadro da condição humana, dentro de processos colectivos, se pode esperar por um acontecimento que foge às variáveis disponíveis e compreendidas.

REITERAMOS com forte convencimento que, apesar da imprevisibilidade, perante todas as variáveis que cruzam e influenciam o simulacro eleitoral angolano, nenhum político, cidadão ou cientista honesto defenderia a possibilidade real de alternância. Se excluirmos a falta de compromisso com a verdade e a decência, somente a ingenuidade e a fé ou esperança divorciada da racionalidade podem levar a afirmar que haverá alternância em 2027.

ANTE a continuidade do sofrimento apocalíptico do povo angolano de 2027 em diante — uma vez que a ditadura vai permanecer — é difícil imaginar onde o povo angolano buscará a misericórdia para perdoar a "fração da oposição" que mente sistemática e compulsivamente, prometendo alternância através do simulacro eleitoral.

FINALMENTE, reafirmamos que cabe ao povo livrar-se da opressão através de uma revolução popular na forma que definir como sua ou seguir outros caminhos que nós não fomos capazes de identificar. A nossa sugestão revela profundo amor por Angola e pelo nosso povo, e encontra acolhimento no artigo 20, nº 2 da Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos, que exorta: «Os povos [...] oprimidos têm o direito de se libertar do seu estado de dominação recorrendo a todos os meios reconhecidos pela comunidade internacional.»

Subscritores:

1. Luzia Moniz – Socióloga e Jornalista
2. Domingos da Cruz – Prof. Doutor e Pesquisador
3. Manuel dos Santos – Historiador e Sociólogo
4. José Rodrigues – Advogado e Professor Universitário
5. Manuel José – Jornalista
6. João Malavindele – Activista
7. Domingos Tchipilica – Advogado
8. Judite Ntuansangue Bernardo – Advogada
9. João Macongo – Jurista
10. Álvaro Mendes – Jornalista
11. Simão Hossi – Jornalista e Activista
12. Agostinho Quimbanda – Sociólogo e Professor
13. Kim de Andrade – Activista
14. Carlos Elavoco – Assistente Social
15. Thomas Sankara – Activista
16. José Gomes Hata – Professor e Activista
17. Mensageiro Andrade – Compositor e Activista
18. Gika Tetembwa – Activista
19. Jeiel de Feitas – Activista
20. Esperança Gonga – Psicóloga
21. Sebastião Neto – Activista
22. Simão José – Professor e Activista
23. Geraldo Dala – Professor e Activista
24. Jorge Jonatão – Activista
25. Nkrumah Pinto – Professor e Activista
26. Armando Alberto – Activista
27. João Miranda – Activista
28. Mac Feeling – Rapper

29. Dino Gimbi – Activista
30. Victorino Sousa – Activista
31. Pedro Gonga – Activista
32. Dissacala Ventura – Activista
33. João Miguel – Professor Universitário
34. João Culemba – Basquetebolista
35. Braulio Mancha – Professor e Activista
36. João dos Santos – Advogado e Activista
37. Hamilton Neto – Professor e Activista
38. Mbanza Hanza – Professor e Activista